Turim, destino de peregrinação

De transportes públicos ou de carro: Basilica di Superga, Sacra di San Michele

Do nosso B&B basta atravessar o Po perto da Gran Madre para seguir rumo ao centro e a uma Turim que se conta também através de seus lugares de devoção. Há a Consolata, o Duomo, as igrejas barrocas perto da piazza Castello; depois Valdocco, onde nasceu a obra salesiana. É uma tradição antiga, que continua a atrair fiéis e peregrinos às igrejas, aos santuários e às abadias. A cidade guarda o Santo Sudário e ainda traz a marca de seus Santos Sociais do século XIX, entre eles Dom Bosco e Giuseppe Benedetto Cottolengo, dedicados sobretudo aos jovens e às pessoas em dificuldade.

Para este giro pela cidade calculem pelo menos meio dia. Se quiserem visitar também a Capela do Sudário, acessível pelo percurso dos Musei Reali, reservem um pouco mais de tempo. Antes de sair, verifiquem as modalidades de acesso e as ligações de transporte.

E depois há os destinos fora do centro: Superga, na colina, aonde vocês podem subir com o bonde de cremalheira a partir de Sassi; a medieval Sacra di San Michele, na entrada do Val di Susa; o Colle Don Bosco, nas colinas de Asti. Para estes dois últimos destinos sugerimos excursões separadas.

Chiesa Santa Maria Consolatrice



Dentro da Consolata, os ex-votos contam o quanto o santuário é querido pelos turineses: são ofertas à Virgem, invocada como Consoladora e protetora da cidade. Há também uma imagem venerada ligada à tradição iconográfica da Odigitria. Na praça homônima, o santuário ocupa o lugar da igreja românica de Sant'Andrea, documentada já no século X. Dela restam a capela subterrânea da Madonna delle Grazie e o campanário do século XI, atribuído ao monge Bruningo, com janelas geminadas e triplas. Em 1678 Guarino Guarini projetou a ampliação barroca para Maria Giovanna Battista de Saboia-Nemours; em 1729 Filippo Juvarra interveio no presbitério e no altar-mor. O pronau neoclássico é de 1860, as ampliações posteriores de Carlo Ceppi remontam ao período entre 1899 e 1904.

Chiesa Madonna del Carmine



Ao entrar na Madonna del Carmine, é a luz que impressiona: na nave única, sem transepto e com três capelas de cada lado, a parte inferior permanece recolhida e pouco iluminada; acima, as grandes janelas dão destaque às formas da arquitetura. Filippo Juvarra projetou a igreja, construída entre 1732 e 1736; para a realização e a conclusão contribuíram Ignazio Agliaudo di Tavigliano, Francesco Benedetto Feroggio e Ignazio Birago di Borgaro. A fachada permaneceu inacabada por mais de um século, até a intervenção de Carlo Patarelli em 1871. Ao lado fica o convento projetado em 1728 por Gian Giacomo Plantery. Gravemente danificada pelos bombardeios de agosto de 1943, a igreja foi restaurada entre 1947 e 1955, com modificações parciais no aspecto original.

Basilica di Maria Ausiliatrice



Em Valdocco, a Basilica di Maria Ausiliatrice fica perto do oratório onde Dom Bosco desenvolvia a sua atividade educativa para os jovens. Fundador da congregação salesiana, foi ele quem quis a igreja e confiou a construção ao engenheiro Antonio Spezia: as obras ocorreram entre 1865 e 1868. Acima da fachada de inspiração neorrenascentista ergue-se a grande cúpula com a estátua de Nossa Senhora. No interior, no altar-mor, vocês encontram a pintura de Maria Auxiliadora de Tommaso Lorenzone. A basílica guarda também os restos mortais de Dom Bosco e de outros santos da família salesiana. Ampliada nas décadas de 1930 e 1940, ainda hoje acolhe fiéis salesianos em peregrinação de todo o mundo.

Duomo di San Giovanni Battista



Entre os edifícios barrocos que a cercam, a fachada de mármore branco do Duomo se reconhece de imediato: três portais e um aspecto diferente do resto da praça. A catedral, dedicada a São João Batista, fica ao lado dos Musei Reali e foi construída entre 1491 e 1498 segundo projeto de Meo del Caprina. É uma das referências da arquitetura religiosa renascentista turinesa. No século XVII o complexo foi ampliado com a Cappella della Sacra Sindone, projetada por Guarino Guarini entre o Duomo e o Palazzo Reale. Hoje o pano é guardado em uma capela da nave esquerda, sob a Tribuna Reale, e normalmente não é visível.

Segundo a tradição cristã, o Sudário é o pano que envolveu o corpo de Jesus no sepulcro. Conservado pelos Saboia e transferido para Turim em 1578, tornou-se uma referência da devoção da cidade. Hoje o pano é mantido em condições controladas e é mostrado aos fiéis somente durante ostensões extraordinárias. A capela histórica que o guardou por séculos, por sua vez, é alcançada passando pelos Musei Reali: um percurso separado da visita ao Duomo, para conhecer também a arquitetura do lugar.

Cappella della Sindone



Entre o Duomo e o Palazzo Reale há uma capela onde o mármore escuro acompanha o olhar até uma cúpula que parece ficar cada vez mais leve à medida que sobe.

Os Saboia possuíam o Santo Sudário desde 1453 e Carlos Emanuel I quis construir um espaço para guardá-lo. O projeto atravessou várias fases no século XVII, com Ascanio Vitozzi e Carlo di Castellamonte, até que em 1667 interveio Guarino Guarini, mudando profundamente a construção. A cúpula é formada por seis níveis de arcos sobrepostos, progressivamente mais estreitos.

Gravemente danificada por um incêndio em 1997, depois de longos e trabalhosos restauros foi finalmente reaberta em 2018.

Antigamente entrava-se pelo Duomo. Hoje não: a capela faz parte dos Musei Reali e chega-se até ela por lá, com o ingresso do palácio na mão. O motivo não sabemos dizer, mas o Palazzo Reale vale o desvio

de qualquer forma.

O Sudário chegou a Turim vindo de Chambéry em 1578. De 1694 a 1993 foi guardado justamente nesta capela, no altar projetado por Antonio Bertola.

Segundo a tradição cristã, o tecido seria a mortalha de Jesus. Hoje, porém, encontra-se em uma capela da nave esquerda do Duomo e normalmente não fica exposto à vista dos fiéis.

Se o motivo da visita de vocês estiver ligado ao Sudário, tenham em mente, portanto, dois lugares distintos: a catedral, onde a relíquia é conservada, e a capela histórica, que conta como os Saboia quiseram guardá-la.

Chiesa di San Lorenzo



Ao lado do Palazzo Reale, na piazza Castello, San Lorenzo quase parece se esconder: não tem uma fachada monumental só sua. Ao entrar, porém, a conversa muda completamente.

A igreja foi desejada pelos Saboia e confiada aos Teatinos. Guarino Guarini desenvolveu o projeto a partir de 1668; a cúpula foi construída sobretudo nos anos 1670 e a igreja foi inaugurada em 1680.

O interior tem planta central, com capelas e revestimentos em mármores de cores diferentes. Mas é acima da cabeça de vocês que acontece a coisa mais interessante: oito grandes arcos se entrelaçam formando uma estrela, enquanto a luz entra por aberturas dispostas em vários níveis. É uma daquelas cúpulas que se podem olhar por muito tempo, descobrindo a cada vez uma relação diferente entre as formas.

O nome de San Lorenzo remete a uma história anterior em mais de um século ao projeto de Guarini. Em 10 de agosto de 1557, dia do santo, Emanuel Filiberto de Saboia venceu a batalha de São Quintino. O duque havia feito voto de dedicar-lhe um lugar de culto em caso de vitória.

Antes de existir a igreja atual, foram usados outros espaços religiosos. O nome de San Lorenzo conserva, portanto, a memória daquela promessa, na qual se encontram a devoção do duque e a história da dinastia de Saboia.

Basilica del Corpus Domini



No piso da Basilica del Corpus Domini há uma lápide: indica o ponto em que, segundo a tradição, em 6 de junho de 1453 uma hóstia consagrada se ergueu milagrosamente no ar. Ela havia sido roubada durante um saque em Exilles e transportada até Turim. A esse relato está ligada a igreja, desejada pela Comuna após um voto feito durante a peste de 1598. Ascanio Vitozzi projetou a construção, iniciada em 1604 e continuada por boa parte do século XVII, até a conclusão indicada em 1671. Carlo di Castellamonte interveio no projeto da fachada de pedra. No interior, o altar-mor em mármores policromados tem quatro colunas torsas; o retábulo de Bartolomeo Caravoglia retrata o milagre e os afrescos da abóbada narram três episódios dele segundo a tradição religiosa.

Basilica di Superga **(de transportes públicos ou de carro)**



«Quando Superga está de chapéu, ou faz mau tempo ou faz bom tempo.»

Se vocês olharem para a colina atrás de Turim, verão despontar uma cúpula. É Superga, 672 metros: um dos pontos mais altos da colina turinesa e o lugar aonde os turineses levam os hóspedes quando querem mostrar a cidade inteira de uma vez. A basílica nasce de uma promessa: em 1706 Turim estava sitiada pelos franceses e Vittorio Amedeo II prometeu a Nossa Senhora uma igreja se a cidade se salvasse. Salvou-se, e Filippo Juvarra construiu a igreja entre 1717 e 1731, com o pronau de colunas na frente, a grande cúpula e os dois campanários. Atrás ficam o convento e, embaixo, os Túmulos Reais dos Saboia. Se puderem, subam com o bonde de cremalheira a partir de Sassi: vai devagar, atravessa o bosque e prepara vocês para o panorama. De carro também se chega, mas a subida já é parte da visita.

A promessa feita por Vittorio Amedeo II à Virgem Maria durante o cerco de Turim está na origem da basílica, mas Superga tornou-se também um lugar ligado à memória da dinastia de Saboia.

Nos subterrâneos ficam os Túmulos Reais, com as sepulturas de numerosos membros da Casa de Saboia. Se vocês subiram pelo valor religioso do santuário, esta parte da visita acrescenta a história da família que quis a sua construção. A devoção mariana e a memória da monarquia se encontram no mesmo complexo.

Sacra di San Michele **(de transportes públicos ou de carro)**



No topo do monte Pirchiriano, na entrada do Val di Susa, a Sacra di San Michele domina o vale. A visita passa do Scalone dei Morti ao Portale dello Zodiaco, ornado com esculturas medievais, e atravessa ambientes de épocas diferentes. A abadia remonta ao fim do século X: foi lugar de oração e acolhida para os peregrinos que atravessavam os Alpes. A igreja, desenvolvida sobretudo entre os séculos XII e XIII, guarda sepulturas de membros da Casa de Saboia, transferidas no século XIX. Monumento símbolo da Região Piemonte, a Sacra é frequentemente citada entre as inspirações para a ambientação do romance O Nome da Rosa, de Umberto Eco. Fora de Turim, exige um passeio dedicado, de carro ou de trem com as conexões locais disponíveis.

Colle Don Bosco



Entre as colinas da região de Asti, no território de Castelnuovo Don Bosco, vocês ainda encontram os lugares da infância de Giovanni Bosco: sobretudo a pequena casa onde viveu com a família. Aqui nasceu em 1815. Tornou-se o fundador dos Salesianos e a sua obra educativa desenvolveu-se depois em Turim, no bairro de Valdocco. Há também a grande Basilica di San Giovanni Bosco, construída a partir de 1961 e concluída na parte superior em 1984. Desenvolve-se em dois níveis sobrepostos: em cima a igreja com a cúpula, embaixo aquela que guarda as relíquias do santo. É um destino de peregrinação na província de Asti: melhor dedicar-lhe um passeio à parte, de preferência de carro.

Ao reservar a sua estadia connosco, vocês recebem o itinerário completo passo a passo, com as informações para chegar e voltar e dicas sobre o que ver.